Cantar ao Senhor numa terra de exclusão

Leitura dos Salmos a partir do cativeiro

1. NUM MUNDO DE EXCLUÍDOS, CRER NO DEUS DA VIDA

A América Latina, como todo o Terceiro Mundo, está cada vez mais marcada por uma organização social iníqua que não apenas explora o povo, mas exclui os empobrecidos das mínimas chances de trabalhar, de morar dignamente e de viver.

No Brasil, a qualidade da vida sofre, dia a dia, uma maior deterioração. Milhares e milhares de pessoas perdem o emprego e sabem que, na atual estrutura social, não conseguirão outro. Aumenta o número dos que vivem apenas da comida recolhida do lixo das cidades. Em todo o país o atendimento à saúde é aterrador. Há hospitais que, entre os doentes, selecionam as pessoas que eles aceitam atender, deixando outras que, por serem mais velhas ou estarem em condições mais difíceis, devem mesmo morrer. A imprensa mostra que as chacinas e crimes contra grupos, como os índios, as crianças de rua e famílias de favelas, passam a ser por demais freqüentes. Neste contexto as comunidades cristãs populares vivem e expressam a fé a partir da luta pela vida e pelo reconhecimento da dignidade dos pobres.

Em meio a esta luta, os grupos cristãos de base aprofundam a leitura da Bíblia a partir da sua situação.

Nos últimos anos a Igreja Católica Romana recebeu do Papa João Paulo II o desafio de se lançar no que ele chama de "nova evangelização". Para os católicos da América Latina este tema foi mais contundente porque junto com a promoção humana e a inculturação seria o assunto principal da IV Conferência dos Bispos em Santo Domingo. Para aprofundar este programa, a Conferência dos Religiosos do Brasil propôs uma reflexão que se baseava num estudo de Dêutero-Isaías, o profeta do exílio (Is 40–55), e do projeto do seu grupo para o povo de Deus[1].

1. Ver o vídeo *Espiritualidade da Nova Evangelização* Verbo Filmes. Conferência dos Religiosos do Brasil, 1990.

Outras comunidades, tanto católicas como evangélicas, aprofundam sua luta pela terra e pela libertação através do livro do Êxodo. Muitas vivem esta caminhada, cantando e meditando os salmos. No Brasil, muitos salmos bíblicos já foram traduzidos poeticamente e musicados. Em todo o país se espalhou o Ofício Divino das Comunidades, hoje na 7ª edição revista e aumentada. Há ainda uma versão popular do saltério publicada por Jocy Rodrigues[2].

Este modo de ler a Bíblia não é novo. No Antigo Testamento as comunidades pobres de Israel faziam isso. Reliam o passado e meditavam a Palavra de Deus a partir do que em cada época estavam vivendo. Assim, muitas páginas da sua história foram relidas e interpretadas a partir do cativeiro da Babilônia. Entre as partes da Bíblia que mais sofreram influência da experiência do exílio e da escravidão que o povo sofreu, certamente um dos mais importantes livros foi justamente o livro dos Salmos.

2. DEUS ESCREVE DIREITO POR LINHAS TORTAS (A EXPERIÊNCIA DO CATIVEIRO DA BABILÔNIA)

Para o povo de Israel, organizado como Estado, o acontecimento mais marcante e que mais influiu em sua história pré-cristã, sem dúvida, foi o cativeiro da Babilônia. Representou o fim da independêndia do reino de Judá e lançou as bases do judaísmo como religião. Entretanto, apesar da importância inegável deste acontecimento (o cativeiro), a Bíblia é discreta em descrevê-lo. Não nos dá muitas informações históricas. As fontes mais comuns são: o segundo livro dos Reis (cap. 23–25), o segundo livro de Crônicas (cap. 36) e algumas páginas de Jeremias (Jr 21–29; 32–45; 52) e de Ezequiel.

Por essas passagens ficamos sabendo das três invasões de Nabucodonosor a Jerusalém. Na primeira (em 597 aC) foram deportados o rei Joaquim, as pessoas importantes, ricas ou as que poderiam liderar uma revolta. Dez anos depois o rei Sedecias tentou se libertar do jugo babilônico e houve uma segunda invasão, com o incêndio do templo e uma nova leva de exilados. Finalmente, uma terceira deportação (582) aconteceu depois do assassinato do governador Godolias. Aí o domínio babilônico passou a ser total. Tanto as pessoas levadas cativas para o exílio como os pobres e sem-terra que ficaram em Judá viveram a experiência de serem cativos e não tinham perspectivas imediatas de se libertarem.

Deste tempo até o ano 539, no qual Ciro, rei da Pérsia, invadiu a Babilônia e se tornou dono do império, a Bíblia só traz alusões em discursos, poemas, relatos sobre o passado, orações e vários salmos, compostos ou completados a partir da experiência que o povo de Deus viveu neste tempo. Entretanto, foi a partir da experiência do cativeiro que os israelitas tiveram de aprimorar sua identidade, aprofundar sua intimidade com o Senhor e a sua missão no mundo. Foi quando não tinham mais terra, nem templo e nem liberdade para cumprir a lei (a circuncisão, o sábado, etc.) que Israel descobriu melhor a teologia da criação, da aliança que o Senhor fez com o seu povo e da esperança do Reino de Deus.

2. Jocy RODRIGUES. *Assim rezava Jesus*. Edições Paulinas, São Paulo, 1993.

3. A ORAÇÃO DO POVO E OS SALMOS DOS OPRIMIDOS

Nos últimos tempos da caminhada latino-americana surgiram poemas e orações que os autores chamam de "salmos". Numa coleção de espiritualidade há um livro de poemas cujo título é: *Salmos latino-americanos*[3]. Bem antes se espalharam *Os salmos* de Ernesto Cardenal, poemas baseados em alguns salmos bíblicos, parafraseados e aplicados à luta do povo nicaragüense contra a ditadura de Somoza. Na mesma linha se publicaram poemas intitulados *Salmo do camponês*, *Salmo do homem novo*, e assim por diante. Sem dúvida, é bom termos esta criatividade e liberdade com a Palavra de Deus. De outro lado, pode ter provocado uma certa confusão nas comunidades sobre o que caracterizaria exatamente um salmo. É um poema como outro qualquer? Qualquer oração bonita seria um salmo? Como na Bíblia se distinguiria um cântico bíblico ou oração e um salmo?

O próprio título do livro bíblico poderia ser traduzido de modo mais fiel e adequado, como "O livro dos louvores". (Saltério é um instrumento musical. Salmo seria um canto que se faz vibrando o saltério). Talvez alguém conteste este título, lembrando que a maioria dos salmos bíblicos parecem mais de lamentos e súplicas do que de louvor. Em Israel, estas duas dimensões da oração estavam profundamente implicadas e misturadas. No tempo após o cativeiro, as comunidades pobres usavam os salmos para invocar a ajuda do Senhor, apelando à aliança que o Senhor tem com Israel. Muitas vezes, no mesmo ato de pedido, já agradeciam o fato de que Ele atendia. Daí, muitos salmos que se iniciam pelo lamento e pela súplica, se encerram com ação de graças. Por esse dado, um salmo é a oração bíblica que expressa a renovação da aliança do Senhor com o seu povo.

Também se pode dizer que um salmo se caracteriza por sua "repetibilidade". É a capacidade de poder ser aplicado a diversas situações e épocas históricas. Cada salmo é testemunha do tempo em que nasceu. É, porém, um texto aberto e pode ser cantado ou orado em outras épocas e lugares, sem perder a sua atualidade[4].

4. UM OLHAR SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO LIVRO DOS LOUVORES

Na Bíblia hebraica o Livro dos Salmos está na parte denominada: Os "Escritos" (*Ketubim*). Como Jó e Provérbios, o saltério juntou tradições antigas e fragmentos de várias épocas da história do povo. Entretanto, a organização do livro dos salmos é pós-exílica. Talvez do século III aC. Há salmos até posteriores, vindos da experiência de luta dos macabeus. Quase todos influenciados pela experiência do cativeiro.

Assim como a redação dos primeiros livros da Bíblia se fez a partir do exílio, também o saltério foi organizado a partir do mesmo espírito. André Chouraqui acredita que a atual ordem dos salmos não é obra do acaso. Eles se sucedem, um após outro, como letras de um mesmo alfabeto, que vão se completando para formar uma estrutura básica de comunicação[5]. O saltério propõe como

3. VÁRIOS AUTORES. *Salmos latino-americanos*. 2ª edição. Edições Paulinas, São Paulo, 1987.
4. Luis ALONSO SCHOEKEL. *Treinta salmos: poesia y oración*. 2ª ed. Ediciones Cristiandad, Madrid, 1986.
5. André CHOURAQUI. *Les Psaumes*. Desclée de Brouwer, Paris, 1990.

se fosse um idioma próprio para louvor. É uma linguagem impregnada pela experiência do povo que de alguma forma resistiu ao cativeiro. É uma expressão de esperança que tem alimentado todas as gerações do povo de Deus. Falando do seu meio familiar judaico, Chouraqui pode dizer: "Nascemos com este livro nas entranhas"[6].

Mesmo se formam um conjunto, os salmos não constituem uma unidade seqüenciada, nem literária e nem de conteúdo. O saltério não é um livro. São muitos. De certo modo cada salmo é autônomo. Vários estão ligados entre eles. Além das pequenas coleções que formam três ou quatro salmos vizinhos, o saltério se organiza em cinco livros. A tradição judaica sempre ligou estes cinco livros dos salmos com os cinco volumes da lei.

Cada livro ou coleção se conclui por uma fórmula de glória (por exemplo Sl 41,14; Sl 72,18-20; Sl 89,53 e Sl 106,48). O último destes livros se encerra com o Sl 150, que convida ao louvor "tudo o que respira".

O conjunto dos cinco livros se inicia com a bênção do fiel que não segue o caminho do mau (Sl 1). É uma espécie de prólogo do saltério e até de toda a oração bíblica. A relação com o Senhor num clima de aliança é permeada por esta luta entre o justo e o opressor. Conclui-se com o Sl 150.

5. "O QUE DÁ PRA RIR, DÁ PRA CHORAR..." (LAMENTO E LOUVOR NO LIVRO DOS SALMOS)

a) A primeira coleção dos salmos

O primeiro bloco do saltério (do Sl 1 ao 41) parece ser a coleção mais antiga. Nestes quarenta e um primeiros salmos (com exceção dos Sl 1; 8; 19; 21; 33) quase todos são marcados pela dor e pela experiência do pobre ou justo que sofre perseguições. Provavelmente alguns destes lamentos vieram de orações e súplicas individuais de lavradores e pobres do campo, feitas em romarias e devoções nos santuários do interior. Mas estas súplicas de um leproso ou de uma pessoa perseguida (como o Sl 6,7) foram relidas e continuadas pela comunidade que sofria o cativeiro ou que na época do domínio persa o meditou. Basta lembrar que no meio desta primeira coleção do saltério está o Sl 22, lamento do servo sofredor, no qual os primeiros cristãos se inspiraram para meditar a paixão de Jesus Cristo. A espiritualidade deste salmo é a mesma dos cânticos do servo, contidos no Dêutero-Isaías (Is 42,1-7; 49,1-6; 50,4-9 e 52,13–53,12). Esta familiaridade revela como ler a fé a partir do cativeiro. Se fosse possível (no nível mnemônico) estabelecer uma relação entre os cinco rolos do saltério e o Pentateuco, este primeiro livro seria ligado ao Gênesis. Parte da realidade de opressão sofrida pelos hebreus e vive a relação com o Senhor como confiança na promessa. A coleção se encerra com o Sl 41, que expressa a confiança de que, mesmo moribundo ou no leito de morte, o fiel conta com o amparo do Senhor.

6. André CHOURAQUI, *ibid.*, p. 13.

b) O segundo livro dos salmos

A coleção seguinte se inicia pelo Sl 42, que reflete a oração do crente exilado que chora com saudade da montanha de Sião e do templo. "Quando irei ao encontro de Deus e verei tua face, Senhor?" Seria este salmo um eco do clamor dos hebreus no Egito? Continuando salmo por salmo, descobrimos que quase todos estão de alguma forma marcados pela experiência do exílio (cativeiro) e do desejo de retornar à terra (ou ao santuário), ou pela realidade do pecado que no Antigo Testamento não era apenas moral ou interior, mas social. (Diferenciam-se desta nota os salmos: 45; 65; 66; 67 e 72.)

O fato de que o segundo livro dos salmos é marcado pela experiência do exílio o liga à recordação do êxodo. O exílio é visto como um novo êxodo através do deserto. Deste segundo livro, o salmo mais conhecido é o 51, usado nas celebrações penitenciais. É uma confissão do pecado e uma invocação para que o Senhor nos dê um espírito puro. Ele liga esta súplica com a reconstrução dos muros de Jerusalém e o restabelecimento dos sacrifícios no templo após o cativeiro (Sl 51,20).

c) A terceira coleção

O terceiro livrinho (do Sl 73 ao 89) é constituído mais por salmos que são de meditação sobre o passado. As comunidades aprenderam a fazer isso na terra do exílio para recuperar sua identidade e compreender sua vocação.

Israel sempre fez a relação entre a lei e a sabedoria. Esta coleção mais sapiencial lembra a espiritualidade do Levítico, que contém as reflexões dos sacerdotes sobre a aliança. Assim, as comunidades releram as histórias da origem de Israel e rezaram nos salmos estas experiências do passado. No meio deste volume está o Sl 78 que longamente medita o êxodo e a infidelidade do povo à aliança do Senhor. Hoje na América Latina procuramos ler a história a partir dos oprimidos. Muitos salmos podem ser lidos nessa perspectiva. O último dos salmos desta coleção (o Sl 89) é uma recordação da aliança que o Senhor fez com Davi (isto o liga à terceira coleção). Entretanto, o salmo a recorda a partir da situação do exílio, quando o povo perdeu a terra e a realeza. Parecia que a promessa de que o Senhor o socorreria não estava sendo cumprida. "Senhor, até quando te esconderás...?"

d) O quarto livro

A quarta coleção de salmos (do 90 ao 106) também pode nos ensinar muito sobre como ler os salmos a partir do cativeiro. Quem os lê pela primeira vez pode achar que eles não têm nada a ver com o exílio, já que a maioria deles é hino de louvor e de ação de graças. A partir do Sl 104 a nota do saltério vai se transformando em louvor e ação de graças. Mas estes salmos são testemunhas de como o povo que resistia ao cativeiro aprendeu a unir o louvor à súplica.

Um comentário espiritual da torá ligaria esta coleção ao livro do Deserto (Números). De fato, os três grandes salmos que, dando graças ao Senhor, relembram a história (Sl 105, 106 e o 107 que já faz parte do quinto livro) contêm temas

comuns ao livro dos Números, principalmente as tentações no deserto e a misericórdia do Senhor (confira Sl 106).

O Sl 90, único do saltério atribuído a Moisés, reflete que "nossos anos passaram sob a tua cólera...". Sua súplica é: "Volta-te, Senhor, até quando?" É o grito comum a todas as orações vindas do cativeiro.

O Sl 91 é bem posterior ao exílio. Medita a proteção que o Senhor dá a um justo refugiado no templo. Mas a linguagem está muito marcada pela experiência do sofrimento da Babilônia. (Basta comparar as expressões com outros salmos e lamentações deste tempo.)

Os chamados salmos do Reino (do 96 ao 100) pertencem à mesma família dos anúncios da consolação proclamados pela comunidade de Isaías (Segundo Isaías). A maioria das expressões vem deste profeta. São louvores festivos de uma comunidade que, mesmo no cativeiro, canta ao Senhor. (Não canta os cânticos de Sião para os opressores como denuncia o Sl 137, mas canta os salmos do reino na intimidade da comunidade.) É possível cantar um cântico novo e proclamar que o Senhor fez maravilhas pela restauração do templo, ou pela volta do cativeiro, mesmo se tudo não é ainda o Reino.

Um salmo que mistura bem o lamento do cativeiro e a ação de graças pela libertação começada é o Sl 102. Ele passa da aflição à ação de graças e depois volta ao real da vida que é duro e doloroso.

e) A última coleção dos salmos

O último dos cincos livros (do Sl 107 ao 150) é mais misturado e justamente nele se expressa mais ação de graças e louvor. Em Israel o louvor está sempre ligado à recordação. Isso liga mnemonicamente este volume ao Deuteronômio, o livro da recordação do Êxodo. Não é coincidência o fato de que o último dos cinco volumes do saltério contenha justamente o ponto de chegada do saltério: a ação de graças. Nele encontramos vários dos salmos mais usados nas festas litúrgicas dos últimos séculos do Antigo Testamento. Nele há pequenas coleções, como a dos louvores da páscoa (Sl 110 ao 118), a dos cânticos de peregrinação (do Sl 120 ao 134) e a dos aleluias (Sl 146 ao 150). Em todos se conjugam a súplica e o louvor, o lamento e a esperança.

6. "É NOITE, PROCURO O SENHOR..." (Sl 77,3) (O CHÃO BÍBLICO DO LAMENTO E DA SÚPLICA)

A maioria dos salmos contém o "clima espiritual" de orar a partir de uma situação difícil. As súplicas individuais vêm dos santuários do interior. As súplicas coletivas vêm de liturgias oficiais do templo, feitas em tempos de aflição ou desastres nacionais, como a invasão dos babilônios e a destruição do templo e da cidade[7].

Os salmos vindos do cativeiro ou relidos a partir desta experiência trazem a marca da busca do Senhor no meio do que parece ser a sua ausência ou sua

7. Erhard GERSTENBERGER. *Salmos*. Faculdade de Teologia, São Leopoldo, 1982, p. 5-31.

negação. "Parece que a mão salvadora do Senhor já não é a mesma. Será que a misericórdia do Senhor se esgotou?" (Sl 77,9). "Por que, ó Deus, rejeitar-nos até o fim?" (Sl 74,2). "Senhor, até quando te esconderás?" (Sl 89,47).

Nos primeiros tempos, "buscar o Senhor" ou "ir ao encontro do nosso Deus" significava peregrinar ao santuário. Com o cativeiro, esta expressão fundamental da espiritualidade bíblica toma um sentido mais vivencial. A leitura dos salmos a partir do cativeiro universaliza as expressões da fé. Torna a oração menos localizada e mais baseada na fé e na obediência à palavra do Senhor.

7. "REALIZA CONOSCO, SENHOR, O QUE PROMETESTE..." (O SIGNIFICADO DO TERMO "SALVAÇÃO" NO LIVRO DOS SALMOS)

Os salmos contêm os lamentos e as queixas que o povo pobre, em situações de cativeiro, gritava ao Senhor. Entretanto, quem faz dos salmos a base da sua oração sabe que eles se caracterizam mais pela confiança em suplicar ao Senhor a salvação do que pela estrutura de lamento que contêm[8].

Salvação, salvador, salvar são termos comuns em nossos ambientes cristãos. Na América Latina, desde a década de sessenta, articulamos esta categoria bíblica da salvação com a realidade histórica da libertação. O nosso Deus é "Aquele que é", ou, conforme o texto do Êxodo, "Aquele que será". "Eu sou o Senhor. Por isso libertarei vocês." Jesus de Nazaré é o Cristo Libertador[9].

Nos textos bíblicos, estes termos vêm de um verbo (*"sozo"* que traduz no grego antigo a raiz hebraica *ys'*). As palavras que dela derivam estão mais presentes no saltério do que em qualquer outro livro da Bíblia. Os salmos falam em "redenção", "socorro" e outros vocábulos semelhantes. Mas, em geral, não usam muito estes termos. Não pedem "redenção" nem simplesmente "socorro". Suplicam "salvação"[10].

O Sl 62 diz: "Só em Deus repousa a minha alma, porque dele vem a minha salvação. Só Ele é minha rocha e minha salvação". O Sl 91 conclui dizendo: "Lhe mostrarei a minha salvação" (v. 16).

O que significa nos salmos o termo "salvar"?

Uma análise destes termos no saltério e em outros livros bíblicos mostra que:

a) Quem pode salvar é um rei

Na Bíblia não se pede salvação a qualquer um. Os termos "salvar" e "salvação" só cabem como apelo a um rei que assume a função de líder libertador.

"Tu és meu rei e meu Deus, tu que decides a salvação de Jacó" (Sl 44,5).

"Desde sempre tu és rei, Senhor... realizando a salvação no país" (Sl 74,12).

8. Claus WESTERMANN, citado por JACQUES VERNEYLEN. Où en est l'Exégèse du Psautier? In: *Lumière et Vie*, 202 (1991, tome XL-2), p. 77.

9. Ver Gustavo GUTIÉRREZ. *Teologia da libertação*. Editora Vozes, Petrópolis, 1971 (cap. II) e Leonardo BOFF. *Jesus Cristo libertador*. Editora Vozes, Petrópolis, 1972.

10. EVODE BEAUCAMP. Le Psautier et la quête du salut. In: *Lumière et Vie*, 202 (1991, tome XL-2), p. 93.

Assim também os salmos do reino (Sl 95,1; 96,2; 98,2-3) e outros de louvor (como Sl 145,19; 146,3; 149,4) se referem ao Senhor como poderoso libertador (esta é a figura do rei messiânico).

"Cantem para o Senhor um cântico novo, pois Ele fez maravilhas... O Senhor fez conhecer a sua salvação... Os confins da terra contemplaram a salvação do nosso Deus" (Sl 98,1-3).

b) Salva porque é aliado

Conforme os salmos, só se invoca a salvação a um "libertador" que seja "aliado", ou seja, "parceiro de aliança".

Se na rua alguém se aproxima de você e diz: "Estou com fome. Tenha pena de mim. Por favor me ajude", esta pessoa está pedindo ajuda ou socorro. Agora pense em alguém que chega e diz: "Você não está vendo que estou com fome? Onde está você que não me liberta disso como foi combinado?" Esta pessoa estaria invocando a "salvação". Quando um salmo fala em salvação lembra ao Senhor a promessa que Ele nos fez e pede que renove conosco sua aliança libertadora. Assim apresenta a realidade que estamos vivendo em confronto ao projeto do Senhor para nós e para o mundo.

O Deus da Bíblia se revela como força de salvação na sua misericórdia, expressão feminina do seu amor por nós.

8. DEVOÇÕES DOS POBRES DE HOJE E OS SALMOS: ORAÇÕES A PARTIR DO CATIVEIRO (concluindo esta meditação)

Analisando como a realidade do cativeiro influiu na composição e na releitura orante dos salmos, descobrimos algumas pistas de como viver a comunhão com o Senhor em meio às dificuldades e aos cativeiros de hoje.

Mesmo sem um maior conhecimento literário da Bíblia, o nosso povo pobre tem, em suas formas devocionais, elementos dessa espiritualidade que une sofrimento e festa, lamento e louvor.

a) As rezas que o povo repete

Certamente a primeira coisa que chama a atenção de alguém que "de fora" olha o catolicismo popular, é como ele se move a partir de tradições bem fixas. Obedece a um calendário litúrgico bem preciso e tem orações e ritos que se repetem. Talvez alguém julgue isto pouco espontâneo e vivo. Mas é próprio de quem vive a realidade do exílio ou cativeiro não ser dono de nada. No Antigo Testamento Israel perdeu o templo e o direito de louvar como quisesse. Era, então, compreensível que os fiéis se prendessem a fórmulas e tradições que lhes permitissem se sentir aliados à história da promessa e da aliança. Creio que esta é a mesma experiência atual das comunidades pobres que "cumprem" devoções, como é a das que recitam, cantam ou celebram os salmos. Tanto nas rezas do nosso povo como na oração dos salmos da Bíblia, cada pessoa é integrada numa oração que a liga a uma história maior, a uma tradição. Isso nem sempre é fácil. Para alguém entrar numa oração cujas palavras e gestos foram pensados e formulados por

outras pessoas de outros tempos e lugares, tem de ser capaz de sair de si mesmo. Precisa relativizar o sentimento individual. A atitude básica, consciente ou não, é a confiança de que tal texto ou gesto, vindos de outras pessoas, são capazes de ser ainda hoje a base da nossa oração.

b) A espiritualidade da cruz

No meio das massas latino-americanas, um importante eixo de devoção é a paixão e a cruz. É um elemento ambíguo que vem de uma inculturação da fé cristã no catolicismo medieval ibérico. Há pessoas e grupos da caminhada libertadora, como também de igrejas evangélicas, que têm muitas dificuldades de compreender e de lidar com esta sensibilidade religiosa do povo. Pastoralistas e teólogos têm se esforçado em mostrar como esta identificação de um povo crucificado com o Senhor na sua cruz é natural. Nestas devoções há expressões doloristas e que acentuam a resignação e a paciência. Mas há também elementos de resistência e festa. Muitos salmos do cativeiro têm também a mesma espiritualidade. Contando ao Senhor o que sofrem e como estão vivendo o cativeiro, rezam sua confiança na vitória e, por esta, já louvam o Senhor. (Ver, por exemplo, os Sl 22 e 69).

c) A espiritualidade dos votos e promessas

Uma outra identificação entre a espiritualidade do nosso povo empobrecido e os salmos da Bíblia é o grande apreço à promessa a Deus. Em toda a América Latina há santuários onde o povo faz promessas e cumpre seus votos. Há quem veja nisso uma mera tentativa de relação com Deus na base da troca e do comércio. É comum a muitas religiões os fiéis prometerem à divindade o que pensam que pode lhe agradar. As pessoas pedem saúde, habitação, emprego e vida. O que oferecem? Velas acesas, festas, orações e algum gesto de reconhecimento por terem sido atendidas. Em todos os santuários deixam gravada em "ex-votos" ou de outras formas a memória "da graça recebida". O próprio fato de falar de "graça" já mostra a consciência que não se trata de troca nem de pagamento. De alguma maneira, a promessa que se faz se baseia numa relação de confiança de que o Senhor se preocupa com os pobres, se condói com o sofrimento dos seus filhos e é capaz de intervir neste mundo para libertá-los. Como vocês se lembram, esta é exatamente a base a partir da qual, na Bíblia, se fala em "salvação". As promessas que o povo faz a Deus (diretamente ou através de santos), conscientemente ou não, se baseiam na promessa que o Senhor fez a nós. As antigas comunidades do povo de Deus renovavam, através dos salmos, seu voto de se manter na aliança. Nos últimos tempos do Antigo Testamento, em muitas sinagogas da diáspora, a oração dos salmos tomava o lugar da oferenda de ação de graças dos sacrifícios. As expressões da religião popular da época tinham algumas coisas semelhantes e outras diferentes da devoção do povo latino-americano. No Antigo Testamento as pessoas gostavam de fazer romarias aos santuários (ver os salmos graduais). Havia pessoas que prometiam não cortar os cabelos dos filhos (rito do nazirato). Em nosso continente há regiões onde ainda hoje as mães fazem tal promessa. Em outros momentos se fazia voto de raspar a cabeça (ver At 21). Nos últimos tempos do Antigo Testamento os fiéis praticavam a incubação, que consistia em se deitar à

porta do templo e esperar que durante a noite, em sonhos, o Senhor viesse revelar sua vontade ao fiel (ver Sl 91 e 139). Estes salmos nos mostram, nas expressões de fé do povo empobrecido, a confiança e o carinho com que os pequenos vivem a aliança com Deus, Pai e Mãe da Vida.

d) Orar com o corpo

Nas religiões populares do nosso continente, todo o corpo é relação com o Senhor. O culto se faz com danças e gestos que envolvem desde os pés que caminham até o olhar que se eleva e as mãos que se juntam para cantar e bendizer ao Senhor.

Os salmos nos ensinam a orar com o corpo. Neles as mulheres e os homens respiram o louvor, levantam, sentam, se prostram e se inclinam juntos. Estes gestos unem os corpos num só movimento comunitário. Fundamentam uma comunhão baseada no que é mais humano: o corpo. Ele expressa nossa verdade fundamental, a aceitação de nossa condição humana, a partir da qual vivemos a intimidade com o Senhor. "Senhor, tu me sondas e me conheces. Conheces o meu sentar e levantar. De longe penetras o meu pensamento. Examinas o meu andar e deitar" (Sl 139,1-3).

Orando em comum os salmos, as comunidades crentes ou pessoas representam toda a humanidade que respira, anda, descansa e espera. Antes de ser palavra, o salmo é atitude orante do corpo. A palavra vem depois. Expressa gestos: "Levanto os olhos aos montes" (Sl 121,1). "Ergam as mãos para o santuário!" (Sl 134,2). "Minha vida se derrama em lágrimas" (Sl 30,11). "Meu coração e minha carne são um grito para o Deus vivo" (Sl 183,3).

Nestes tempos em que o corpo é, de tantas formas, vítima de alienações e opressões do sistema, as religiões populares insistem na oração dos corpos livres. Os salmos podem nos ajudar nesta atitude de resistência no cativeiro.

Tanto a respeito dos salmos como das formas de devoção do nosso povo, há quem se pergunte até que ponto estas orações são atuais e mesmo evangélicas. Às vezes parecem por demais antigo-testamentárias. Um comentário de Santo Agostinho no século IV nos dá a resposta:

> "Alguém quer saber quem fala no salmo? Direi em uma palavra: o Cristo. Vocês sabem, irmãos, que o Cristo fala, como sendo nossa cabeça. Ele é o salvador do corpo... Ele fala em nosso nome, pois somos seus membros. Quando Ele disse: 'Tive fome e me destes de comer' (Mt 25,35), Ele falava em nome de seus membros e não em seu próprio nome. E quando disse: 'Saulo, Saulo, por que me persegues?' é a cabeça que grita por seus membros. Ele não disse: Por que persegues os que são meus? Mas sim: Por que me persegues? Tal é o amor do Cristo. Quem pode se comparar a Ele? Ele pôs em nossa boca o hino deste salmo e o disse em nome de seus membros" (*En.* 39,5).

Marcelo de Barros Souza
Caixa postal 5
76600-000 Goiás, GO